

Trabalhos Científicos

Título: Violência Intrafamiliar, Um Relato De Caso

Autores: DARCI VIEIRA DA SILVA BONETTO (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO MACKENZIE), ALESSANDRA BARCELLOS PETRACCO (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO MACKENZIE), RAIZA DA CUNHA (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO MACKENZIE), JULIA CARVALHO DE BARROS SILVA (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO MACKENZIE), RITA DE CÁSSIA SPRÉA (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ), VITOR MARTINS ALARCON (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ), ITAMARA NUNES (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ), MONIK RECH ZAMARCHI (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ)

Resumo: J.T.Y, 10 anos foi internado em leito comum de enfermaria pediátrica, acompanhado pela tia paterna. Admitido devido a quadro de maus tratos e desnutrição. Paciente foi, juntamente com seus irmãos, descoberto por denuncia ao Conselho Tutelar e encaminhado a internação para avaliação médica e psicológica. Paciente residia com o pai, a madrasta e dois irmãos (também internados) há 4 anos e desde então não frequenta a escola e era privado da convivência social. Relata que sofria maus tratos e agressões físicas por parte da madrasta, e recebia alimentação duas vezes ao dia, além de ficar muitas horas em jejum. O menor era obrigado a ficar a maior parte do dia no porão com o outro irmão. O paciente ficou internado por 2 dias para acompanhamento do quadro de desnutrição grau II, agressões físicas e vulnerabilidade social. Realizou exames laboratoriais e solicitado avaliação do serviço social, jurídico e IML. Na alta foi encaminhado aos ambulatórios de psiquiatria, psicologia, odontologia, pediatria e medicina do adolescente. Em acompanhamento psicológico após a alta hospitalar, paciente relata que durante o período em que morou com o pai, tinha a função de vigiar os irmãos e relatar comportamentos considerados inadequados, sendo mantido em cárcere privado com seus irmãos. Apesar das experiências vivenciadas pelo paciente, esse mantém uma imagem positiva do pai, padrão relacional que pode estar associado à chamada Síndrome de Estocolmo, que ocorre quando a vítima internaliza aspectos do agressor como forma de sobreviver psicologicamente ao trauma. Atualmente o paciente não deseja ter contato com a mãe, que é ausente desde dois anos de idade, mas mantém vínculo afetivo com a avó e tia paternas. Do ponto de vista do desenvolvimento é importante ressaltar que as crianças expostas a contextos de violência familiar e institucionalização apresentam riscos aumentados para transtornos emocionais, como ansiedade, depressão e dificuldades de aprendizado.